

Chico Buarque e a Censura nas décadas de 1960 e 1970

Heloisa Tapajós

"Aniquilar o homem é tanto privá-lo de comida quanto privá-lo de palavra."

Walter Benjamin

No início da década de 1970, Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro resumem a indignação compartilhada pelos compositores brasileiros com relação à censura às suas obras ("*Você corta um verso, eu escrevo outro*") e enfrentam a ditadura ("*Que medo você tem de nós, olha aí!*"), com a canção "Pesadelo", lançada pelo MPB-4 no LP "Cicatrizes" (Phonogram/1972).

Entre os compositores com maior número de canções mutiladas ou vetadas integralmente, nas décadas de 1960 e 1970, destaca-se Chico Buarque. Seu primeiro embate com a Censura ocorreu em 1966, com "Tamandaré". A música fez parte do repertório do show "Meu refrão", apresentado por Odete Lara e o grupo vocal MPB-4. O espetáculo ficou em cartaz durante seis meses e a canção foi proibida, sob a alegação de que se tratava de uma ofensa ao patrono da Marinha, cuja figura estampava a nota de um cruzeiro, moeda da época.

No início de 1968, estreou no Rio a peça "Roda viva", com texto e trilha sonora assinados por Chico Buarque. A canção-título havia sido premiada, no ano anterior, no "III Festival da Música Popular Brasileira" (TV Record), obtendo o terceiro lugar no evento. O espetáculo contou com a direção de José Celso Martinez Corrêa, e teve elenco encabeçado por Marieta Severo, Heleno Pestes e Antônio Pedro. A bem-sucedida temporada carioca não enfrentou maiores problemas, mas uma das apresentações paulistas, com Marília Pêra e Rodrigo Santiago nos papéis principais, foi alvo de um violento ataque do CCC (Comando de Caça aos Comunistas), que invadiu o Teatro Galpão, depredando o cenário e atingindo os artistas. O elenco recebeu, no dia seguinte, o apoio de Chico Buarque.

Com o recrudescimento da censura a partir do Ato Institucional nº 5, ainda no ano de 1968, a grande maioria do povo brasileiro, descontente com os rumos políticos do país, vivia a expectativa de que, cada vez mais, os artistas traduzissem com suas canções o sentimento hegemônico. Por outro lado, os compositores muitas vezes se valiam de metáforas e sutilezas, algumas vezes não compreendidas, na época, como foi o caso de "Sabiá", parceria de Tom Jobim e Chico Buarque.

*Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá*

Concorrendo ao III Festival Internacional da Canção, "Sabiá" acabou vencendo a fase nacional do evento (e posteriormente a fase internacional), que teve como segunda colocada "Pra não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré, canção preferida pelo público por tematizar mais declaradamente questões políticas e sociais. O resultado foi recebido com vaias pela platéia que lotava o Maracanãzinho e fazia coro com Vandré ("*Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*").

*Vem, vamos embora que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora na espera acontecer*

Na letra de “Sabiá”, obra que permaneceu em nosso cancionário como uma das mais belas composições de Tom Jobim, Chico Buarque já tematizava, no primeiro verso da canção, a volta do exílio de tantos conterrâneos proscritos de sua pátria (“*Vou voltar, sei que ainda vou voltar*”). Tal volta só ocorreria no final da década de 1970, embalada por uma música na qual Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro registram uma interlocução com o citado primeiro verso de “Sabiá”: “*Tô voltando*”. A canção, gravada na época por Simone, acabou se tornando o “hino” da anistia, que marcou a volta de tantos companheiros do exílio

*Pode ir armando o coreto
E preparando aquele feijão preto
Eu tô voltando*

A atuação de Chico Buarque esteve sempre na mira da censura. Alguns dias após a decretação do Ato Institucional nº 5, o compositor é levado ao Ministério do Exército para depor sobre sua participação na Passeata dos Cem Mil e sobre cenas da peça “Roda viva” consideradas subversivas.

A Passeata dos Cem Mil, que no dia 26 de Junho de 1968 mobilizou cariocas de todas as classes, unidos em torno dos mesmos ideais, foi tematizada em nosso cancionário com “Dia de Vitória”, dos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle.

*É que o povo acorda e vê que o mundo é seu
E nas mesmas ruas onde faz as festas
Hoje, mão na mão, faz o cordão do amor*

Em 1969, devidamente autorizado pelo Coronel Átila, de cuja permissão dependia para se ausentar do Rio, Chico Buarque viaja para Cannes, com o objetivo de participar da “Feira Internacional do Mercado de Disco” (Midem). Ao invés de voltar para o Brasil, segue para um auto-exílio em Roma. Nesta cidade, escreve a letra do “Samba de Orly”, cuja melodia lhe é oferecida por Toquinho, que voltava para o Brasil após uma temporada italiana de shows ao lado de Vinicius de Moraes. A música contou com a parceria de Vinicius, no verso “*Pede perdão pela omissão um tanto forçada*”, vetado pela censura e substituído por “*Pede perdão pela duração dessa temporada*”.

*Pede perdão
Pela duração (Pela omissão)
Dessa temporada (Um tanto forçada)
Mas não diga nada
Que me viu chorando
E pros da pesada
Diz que eu vou levando*

De volta ao Brasil em 1970, contratado por André Midani para o cast da Philips, Chico lança em compacto simples a canção “Apesar de você”, cuja letra manifestadamente crítica à ditadura, na pessoa do governante, passou despercebida pela Censura. Após o disco atingir a vendagem de 100.000 cópias, a música é proibida e os compactos são recolhidos das lojas. Mas a canção já estava na voz dos brasileiros.

*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia*

O episódio que envolveu a liberação e a posterior interdição de “Apesar de você” alertou de forma definitiva os censores para a assinatura de Chico Buarque. Assim é que, inexplicavelmente, Chico tem, em 1971, seu samba “Bolsa de Amores”, composto para Mario Reis, integralmente vetado.

*Comprei na bolsa de amores
As ações melhores
Que encontrei por lá
Ações de uma morena dessas
Que dão lucro à beça
Pra quem sabe
E pode jogar*

A letra de “Bolsa de Amores” viria a ser publicada na edição de junho 2004 da revista “Nossa História”, da Biblioteca Nacional (Ano 1/nº 8), seguida do texto do veto de 21 de julho de 1971, que não traz a assinatura completa do censor mas apenas iniciais pouco legíveis (IRR ou URR):

“Vetado por ter o autor empregado palavras comuns ao linguajar da Bolsa de Valores, mas que não se adaptam a uma mulher principalmente em letra de música popular. O autor parece estar de uns tempo para cá muito preocupado em denegrir a reputação de todas as mulheres, vide uma de suas últimas composições, ‘Minha história’, que relata a vida de um homem filho de uma prostituta”.

A gravação de Mário Reis, perdida desde que foi apagada da fita master dos estúdios da EMI-Odeon, só veio a ser localizada em 1993, pelo pesquisador e, na época, diretor de arte da gravadora, Egeu Laus.

“Em 1993, exercia eu o cargo de Diretor de Arte no departamento de Artes Gráficas da EMI-Odeon, antiga Odeon e atualmente EMI Music. Fui convocado para produzir a identidade visual da Coleção ‘Dois em Um’, coordenada pelo diretor de marketing estratégico, o norte-americano apaixonado por música brasileira Gerald Seligman.

Um dos títulos da série era o de Mário Reis, com dois discos: os LPs ‘Mário Reis canta suas criações em Hi-Fi’, de 1960, e o LP ‘Mário Reis’, de 1971, o último de sua carreira.

Mantendo minhas preocupações constantes sobre a memória musical brasileira, que me levava a pesquisar intensamente o acervo da Odeon desde que fui contratado pela Companhia, detectei a presença na ficha fonográfica do segundo dos discos (o de 1971) uma música de Chico Buarque, ‘Bolsa de Amores’, que eu desconhecia. De posse do número do disco, fui até o arquivo de gravações no estúdio da EMI-Odeon para ouvir a música de Chico que havia despertado a minha curiosidade. Minha surpresa: no tape original do disco (guardado cuidadosamente no acervo, com ar condicionado constante) não constava a música ‘Bolsa de Amores’! Era um contra-senso total: a música constava na ficha mas não estava no tape. Comecei minhas pesquisas dentro da própria gravadora tentando desvendar o mistério. Um técnico de som, da antiga, matou a charada: lembrou-se que a música tinha sido, à época, censurada e, portanto, o mais provável é que aquele tape fosse a versão definitiva (com a música expurgada) que deu origem à matriz do LP. E não havia outro tape!

Começou o segundo capítulo das novelas. Relatei o caso a várias pessoas dentro da gravadora e uma delas, João Leopoldo M. Leal, já falecido, comentou que conhecia um antigo amigo de Mário Reis de nome João Maurício Nabuco. Localizamos João Maurício e qual não foi nossa surpresa: ele tinha em seu poder uma cópia do tape das gravações presenteado que foi pelo próprio Mário Reis. E alegria maior ainda: nele constava ‘Bolsa de Amores’! Com o empréstimo dele a gravadora pode, então, lançar na coleção ‘Dois em Um’ uma música inédita de Mário Reis, ‘Bolsa de Amores’, letra e música de Chico Buarque.”

(Depoimento generosamente concedido por Egeu Laus à autora desse texto)

Ainda em 1971, Chico Buarque e outros compositores cancelam suas inscrições no “VI Festival Internacional da Canção”, em protesto contra o fato da emissora ter criado uma inscrição especial que lhes favorecia a participação no evento sem que precisassem concorrer, junto a novos autores, nas fases eliminatórias.

No ano seguinte, Chico participa da trilha sonora de “Quando o Carnaval chegar”, de Cacá Diegues, integrando também o elenco do filme, ao lado de Nara Leão e Maria Bethânia. Na letra da canção-título, o Carnaval se revela como metáfora para a grande festa da libertação do povo brasileiro do regime autoritário: “...*Eu tenho tanta alegria adiada, abafada, quem dera gritar/Tô me guardando pra quando o carnaval chegar*”.

*Eu tô só vendo, sabendo, sentindo, escutando
E não posso falar
Tô me guardando pra quando o Carnaval chegar*

O Carnaval de Chico recebe a adesão imediata de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro na canção "Agora é Portela 74" ("*Conte comigo neste Carnaval, tô me guardando deste mesmo mal*").

*Conte comigo neste Carnaval
Tô me guardando deste mesmo mal
...
Eu quero ver a multidão no auge
Delirando em homenagem ao vencedor real
No dia que chegar o verdadeiro Carnaval*

O ano de 1973 abriga a intensificação do tormento infringido à obra de Chico Buarque. Segundo relato do produtor musical Sérgio de Carvalho, responsável durante doze anos pelos discos gravados pelo compositor, durante vários meses foram mantidas negociações com a Censura para a liberação das músicas que compunham a trilha sonora do espetáculo "Calabar, o elogio da traição", escrito em parceria com Ruy Guerra, que viria a ser o disco de carreira de Chico naquele ano: "Chico canta Calabar, o elogio da traição".

O musical jamais chegou a ser encenado, deixando um grande prejuízo para o produtor Fernando Torres e todos os demais envolvidos. A trilha, com algumas mutilações, acabou sendo liberada. Entretanto, a ação da censura ficou registrada na edição das faixas, com evidenciados cortes de trechos vetados.

Em "Ana de Amsterdam", foi retirada a voz de Chico, que já estava gravada. Nesse disco, a canção é apresentada apenas em versão instrumental.

A letra de "Fado tropical", com trecho inicial declamado por Ruy Guerra, teve cortada parte do verso "*Todos nós herdamos no sangue lusitano uma dose de lirismo além da sífilis, é claro*". Novamente a edição tira a voz de Ruy no trecho proibido ("*além da sífilis, é claro*").

A canção "Não existe pecado ao sul do Equador" foi liberada depois que o verso "*Vamos fazer um pecado safado debaixo do meu cobertor*" foi substituído por "*Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo vapor*".

No caso especial desse disco, o veto da Censura incidiu também sobre a capa, que originalmente era dupla. A parte frontal era ilustrada por um muro sobre o qual se achava "pichado" o título do disco ("Chico canta Calabar, o elogio da traição"). Na parte central, uma fotografia retratava um banquete de mendigos. As capas chegaram a ser fabricadas mas foram proibidas, e o disco saiu embalado em uma capa branca, sendo mantida apenas a parte inicial do título original: "Chico canta". Também aqui, ficou registrada a mutilação, com autorias creditadas para inexistentes fotos da capa principal e da capa interna (realizadas para a capa original).

Ainda no ano de 1973, Chico enfrenta mais um problema com a censura envolvendo a canção "Cálice", de sua parceria com Gilberto Gil. Nesse ano, a Phonogram promoveu, no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, uma grande mostra de música, a "Phono-73", apresentada em três noites consecutivas, com a participação de todo o elenco da gravadora. Sem terem conseguido a liberação da letra, Chico e Gil decidiram apresentá-la no evento cantando apenas o refrão "Cálice", palavra com fonética semelhante a "Cale-se". Durante a apresentação, que contou também com a participação do MPB-4, os microfones foram desligados diante de uma platéia atônita. Dada a impossibilidade de cantar "Cálice", Chico respeita o roteiro do show e passa para a música seguinte, não sem antes dizer: "Vamos ao que pode".

*Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue*

Em 1974, os problemas criados pela Censura com relação à obra de Chico Buarque pareciam apontar para a impossibilidade de um novo disco autoral. A solução encontrada foi a gravação de um LP contendo exclusivamente canções de outros compositores, indicativamente intitulado

"Sinal fechado", retirado da faixa homônima, de autoria de Paulinho da Viola. Outra música cujo título ilustrou o momento vivido pelo artista foi "Me deixe mudo", de Walter Franco. Constou também do repertório a canção "Chame o ladrão", assinada por uma nova dupla de compositores, Leonel Paiva e Julinho da Adelaide, pseudônimo sob o qual se escondeu o compositor para ter a música liberada pela censura.

Em 1975, Chico Buarque faz sua saudação, com a canção "Tanto mar", à Revolução dos Cravos, que depôs a ditadura de Salazar. A letra original, vetada pela Censura, teve gravação editada apenas em Portugal, em compacto simples.

*Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E colher pessoalmente
Uma flor do teu jardim*

Em 1976, Chico lança o LP "Meus caros amigos". Em uma das canções do disco, um verso alerta sobre a situação brasileira: "*Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta*".

*Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão*

A luta da estilista Zuzu Angel para encontrar o corpo de seu filho, Stuart Angel, e para denunciar os responsáveis pela morte dele na prisão, inspirou a letra de "Angélica", composta por Chico Buarque em parceria com Miltoninho, um dos integrantes do grupo MPB-4. Segundo Miltoninho, a canção não teve problemas com a Censura.

*Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar*

Em fevereiro de 1978, na condição de jurado do "Prêmio Literário da Casa de Las Américas", Chico Buarque vai pela primeira vez a Cuba, onde entra em contato com expoentes do movimento "Nueva Trova Cubana", como Sílvio Rodrigues e Pablo Milanês, este último autor de "Canción por la unidad latinoamericana", para a qual Chico assina uma versão. De volta ao Brasil, o compositor é detido pelo Dops e obrigado a depor sobre a viagem.

*E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória*

*A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue*

Ao final de 1978, é revogado o Ato Institucional nº 5. No ano seguinte, o governo enfrenta o movimento pela anistia ampla geral e irrestrita. Os anos 1970 se encerram com a promulgação do Decreto de Anistia, que legitima a volta para o Brasil dos exilados pela ditadura militar.

Referências Bibliográficas:

ALAMBERT, Francisco. "De Sérgio para Chico, de Chico para Sérgio". Revista Nossa História. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004, pp 44-51.

MELLO, Zuzi Homem de. A era dos festivais - uma parábola. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MOTTA, Nelson. Noites tropicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Websites consultados:

Chico Buarque www.chicobuarque.com.br

Dicionário Cravo Albin da MPB www.dicionariompb.com.br

Agradecimentos:

Egeu Laus (pesquisador, diretor de eventos do Instituto Jacob do Bandolim)

Miltinho (compositor e cantor, integrante do grupo MPB-4)

Sérgio de Carvalho (produtor musical)